

Análise tipo-morfológica aplicada a cidade nova planejada: conceito e método adaptados

Izabela Bombo Gonçalves^a  e Karin Schwabe Meneguetti^b 

^a Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Maringá, Paraná, Brasil. Email: izabombo@gmail.com

^b Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Maringá, Paraná, Brasil. Email: ksmeneguetti@uem.br

Submetido em 20 de julho de 2019¹. Aceito em 18 de dezembro de 2019.

Resumo. *A Escola Italiana de Morfologia Urbana trata de conceitos e método desenvolvidos a partir de estudos realizados inicialmente em cidades históricas, caracterizadas por ocupações orgânicas e espontâneas. Questiona-se se a análise tipo-morfológica, vertente dedicada a compreender a forma urbana por meio da interpretação do processo transformativo evidenciado na arquitetura, seria eficiente na leitura e compreensão da forma urbana de cidades novas planejadas, conformadas a partir de um plano que antecede sua ocupação. Para respondê-lo, utilizou-se como estudo de caso Maringá-PR, cidade nova planejada e implantada na década de 1940. Com o método italiano foi possível delinear o processo detalhado das transformações e permanências evidenciadas ao longo de suas ocupações, e compreender a sua forma urbana. Esta pesquisa demonstra que a análise tipo-morfológica é eficiente mesmo em casos onde as edificações são implantadas em um traçado urbano previamente instituído, ampliando a escala de abrangência do método italiano e contribuindo para um melhor entendimento das características morfológicas e do desenvolvimento de cidades novas planejadas.*

Palavras-chave. *Muratori, Caniggia, morfologia urbana, tradição, Maringá.*

Introdução

Paralelamente às dinâmicas sociais e as necessidades vigentes, o espaço urbano encontra-se em constante transformação, renovando-se e absorvendo as inevitáveis variações trazidas pelo tempo. No entanto, ainda que se altere, a forma urbana é capaz de carregar certos costumes e práticas herdadas de períodos anteriores, mantendo valores e aspectos culturais que acompanham seu desenvolvimento e transformações. Este fenômeno é entendido por “tradição”, compreendendo um processo de transmissão cultural, em que há a assimilação de aprendizados e experiências de gerações anteriores pelas gerações seguintes, estabelecendo vínculos culturais e dando continuidade a costumes populares (Castriota, 2009).

É na existência destes vínculos que a abordagem da Escola Italiana de Morfologia Urbana se apoia, propondo a compreensão da forma urbana a partir de relações culturais e tradicionais expressas no meio urbano.

Sua base teórica e metodológica firmam-se no conceito de “tipo” desenvolvido pelo arquiteto Saverio Muratori, que defende a existência de um modo de habitar enraizado na mente da população que se manifesta em contextos culturais específicos, refletindo os costumes e práticas da população e do período. Trata-se de um modelo edilício residencial fixado no subconsciente de uma determinada população, como um projeto arquitetônico compartilhado por todos, reproduzido de maneira automática na construção do espaço (Pereira Costa, Gimmler Netto, 2015).

Assim como uma síntese cultural, o “tipo” de Muratori representa o conceito de habitação historicamente estabelecido, conformando um conjunto de características formais que refletem uma determinada comunidade e período histórico, exteriorizando heranças culturais e experiências transmitidas entre gerações. É a materialização de um modo de construir instituído culturalmente, sintetizando a “cultura edilícia” de um determinado povo (Caniggia, Maffei, 2001). Este fenômeno é denominado de “consciência espontânea”, ou seja, a capacidade de um povo reproduzir automaticamente um modelo edilício representante de sua cultura (Pereira Costa, Gimmler Netto, 2001).

Acompanhando as dinâmicas do espaço urbano, o tipo também se encontra em constante transformação, sendo alterado conforme os ciclos sociais e manifestando-se a cada momento e a cada nova fase cultural. No entanto, ainda que se renove, a conformação de novos tipos edilícios pode ter origem em tipos anteriores, em que um modelo edilício já recorrente, frente a novos obstáculos, é adaptado a um novo contexto, sendo alterado conforme as necessidades locais, configurando uma nova forma, porém, mantendo vínculos formais com seu modelo de origem. Processo este entendido como derivação tipológica (Marzot, 2002).

Para compreendê-lo, Muratori propôs a estratificação de diferentes camadas temporais expressas nas edificações implantadas em períodos variados, avaliando a existência de permanências e desgastes formais, delineando possíveis processos derivativos entre os tipos recorrentes, a fim de compreender a realidade presente a partir dos processos evidenciados na arquitetura, identificando a recorrência de elementos tradicionais (Marzot, 2002). Porém, é no método de interpretação tipológica desenvolvido por Gianfranco Caniggia e Gian Luigi Maffei que estes conceitos são colocados em prática, demonstrando a aplicabilidade da teoria de Muratori e sustentando hoje os estudos da Escola Italiana de Morfologia Urbana (Cataldi, 2003).

Tanto os conceitos de Muratori, como a metodologia de análise tipo-morfológica proposta por Caniggia e Maffei foram desenvolvidos a partir de estudos realizados inicialmente em cidades históricas (ver:

Muratori, 1963; Muratori *et al.*, 1963), caracterizadas por conformações orgânicas e espontâneas, edificadas a partir de técnicas vernaculares e marcadas por vários séculos de construção que compõem sua forma física.

Em outros estudos (ver: Gauthier, 2005), comprovou-se a aplicabilidade dos conceitos e do método em cidades mais recentes, porém, ainda são leituras que buscam compreender a forma urbana de cidades que tiveram sua conformação de maneira espontânea, sem um planejamento prévio. Desta maneira, esta pesquisa partiu do questionamento se a análise tipo-morfológica seria eficiente na compreensão da forma urbana de cidades instituídas do zero a partir de um plano prévio: cidades novas planejadas.

Ao verificar produções anteriores sobre o tema, foi possível encontrar a aplicação da análise tipo-morfológica em uma cidade planejada (Amorin e Tangari, 2006), porém, não se trata de um estudo realizado a partir do ideal de “tipo” que sustenta o método italiano, em que representa a materialização de um conhecimento coletivo, mas sim o “tipo” utilizado como instrumento de catalogação e classificação.

Quanto ao método italiano, entende-se que, ainda que desenvolvidos a partir da análise de cidades históricas, os conceitos de consciência espontânea e tipo definidos por Muratori não se restringem a um modelo edilício vernacular, se tratando de um modo de construir que se enraizou no imaginário popular e que evidencia um processo de transmissão cultural, podendo também ser aplicado em outros contextos. A partir destas considerações, buscou-se compreender as relações de consciência espontânea e a conformação de tipos em cidades novas planejadas, casos onde as edificações foram inseridas em um traçado urbano previamente imposto. Questionava-se se seria possível identificar nestas cidades um modo de construir que se fixou no imaginário popular e que acompanhou a evolução de sua forma urbana, passando por derivações tipológicas desde suas ocupações originais até as conformações mais recentes. Se haveria nestas cidades um processo de transmissão cultural claro em suas edificações ou a sua conformação seria marcada pela adoção de tipos edilícios sem vínculos prévios.

Para isso, propôs-se como estudo de caso Maringá-PR, cidade nova planejada e implantada ao fim da década de 1940, marcada por um processo de expansão significativa desde sua conformação inicial, e que apresenta consideráveis alterações no seu modo de edificar ao longo dos anos.

Adaptação do método

O método de análise tipo-morfológica italiano se desenvolve conforme diferentes escalas de leitura, partindo de um elemento isolado até chegar à concepção geral da forma urbana como um todo. Constitui-se de quatro etapas sucessivas de análise: tipos edilícios, tecidos urbanos, organismos urbanos e organismos territoriais (Pereira Costa, Gimmler Netto, 2015). Para este artigo, o estudo de caso limitou-se à aplicação da primeira etapa de análise, os tipos edilícios, focada em reconhecer os modelos de habitação recorrentes e verificar a existência de vínculos formais e possíveis relações de derivação, reconstruindo o processo tipo-morfológico e avaliando como o conceito de habitat se transformou ao longo do tempo, como também identificar o modelo de edificação que sintetiza a cultura edilícia local (Caniggia, Maffei, 2001).

Neste contexto, sendo a edificação residencial o ponto central da análise, seu reconhecimento e mapeamento no espaço é o ponto de partida para o processo de identificação e seleção dos tipos básicos recorrentes, classificando-os conforme as dimensões da fachada, aspectos formais e características construtivas (Caniggia, Maffei, 2001).

A partir de sua seleção, é feita a interpretação dos tipos, distinguindo-os entre mais recentes e mais antigos, e por comparação, é feita a reconstrução do processo tipo-morfológico, verificando a existência de relações derivativas expressas pelas semelhanças formais, sendo distintas entre diacrônicas e diatópicas, ou seja, derivações temporais ou espaciais (Caniggia, Maffei, 2001).

A fim de facilitar o reconhecimento destes vínculos formativos e confirmar o processo tipo-morfológico delineado, analisa-se um pequeno conjunto de edificações postas lado a lado ao longo de uma via, constituindo as séries. Verifica-se como diferentes tipos, de diferentes formas, implantados em momentos distintos interagem entre si. Seu intuito é

avaliar se por trás da aparente casualidade existe um sistema harmonioso que permite sua coexistência e que caracterize um processo formativo comum entre os tipos recorrentes, integrando uma mesma matriz tipológica (Caniggia, Maffei, 2001).

Por se tratar de uma abordagem desenvolvida a partir da análise de cidades históricas, existem certos pontos que devem ser considerados para que ao aplicá-la em uma cidade nova planejada se tenha o melhor aproveitamento e eficiência do método na compreensão da forma urbana. Desta maneira, sugere-se uma adaptação quanto ao recorte de aplicação dessa leitura.

Ao tratarmos de cidades que tiveram sua formação de maneira espontânea, as vias e rotas constituem o primeiro elemento estruturador dos assentamentos urbanos, orientando as ocupações e posicionando as edificações lado a lado, conformando as séries. O método de Caniggia e Maffei (2001) segue esta estrutura ao aplicar as leituras a partir de rotas individuais. Quando nos referimos a cidades novas planejadas, as rotas, apesar de terem a sua importância no traçado, não constituem seu elemento estruturador principal. Estas não são implantadas individualmente, uma por uma, mas são conformadas em conjunto, constituindo quarteirões. Nesse caso, as edificações seguem a composição das quadras, de forma que o quarteirão é seu elemento estruturador principal. Desta maneira, entende-se que na aplicação do método em uma cidade nova planejada, seja também interessante analisar as relações de edificações que integram um mesmo quarteirão, avaliando a existência de um processo tipo-morfológico comum às quatro vias que constituem a quadra, o que facilita a compreensão de suas fases de ocupação e vínculos formativos.

Análise tipo-morfológica na cidade de Maringá-PR

Ao fim do século XX, o principal produto que movia a economia brasileira era o café. O dinamismo paulista crescia e passava a ocupar as terras paranaenses, visando a expansão da produção (Augusto, 1978). É neste contexto que o norte do Paraná é ocupado e Maringá é implantada, por uma companhia colonizadora que havia sido de capital britânico.

A encargo da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, já na fase nacional da companhia, o plano para a cidade foi elaborado por Jorge de Macedo Vieira, datado do ano de 1945, e entre as questões suscitadas no anteprojeto desenvolvido pelo engenheiro (ver: Rego, 2006 e 2009; Rego e Meneguetti, 2011), destaca-se a aproximação com o modelo cidade-jardim, fazendo uso de estratégias projetuais propostas pela vertente inglesa (Rego, 2006). Macedo também incorporou ao plano influências modernas, propondo um zoneamento para a organização espacial e arranjo da cidade conforme seus usos, direcionando a implantação das edificações de acordo com a sua função específica (Meneguetti, 2009).

Após a implantação da cidade, conforme as ocupações e expansões subsequentes, houve a inserção de novos loteamentos, sendo estes também elaborados anteriormente a partir de um plano e anexados à trama urbana já existente. Nota-se que ao longo deste processo houve uma significativa mudança quanto às características deste traçado, diferindo-se dos aspectos formais que haviam sido propostos no plano original, não dando continuidade às configurações estipuladas por Macedo. Seguindo esta dinâmica e acompanhando as transformações do meio, houve também alterações quanto ao modo de edificar, configurando novas características e constituindo diferentes tipos edifícios ao longo do tempo, renovando estilos e conformando novas formas urbanas.

A partir destas constatações, iniciou-se a aplicação da análise tipo-morfológica italiana na cidade, dando enfoque para a interpretação das estruturas edilícias. Teve-se por intuito reconhecer em Maringá as transformações evidenciadas em seu modo de edificar ao longo do tempo, verificar a existência ou não de processos derivativos entre seus tipos edifícios e identificar aquele que melhor representa a cultura edilícia local.

Conforme o método de Caniggia e Maffei (2001), deu-se início às leituras identificando as edificações de maior interesse para a análise: as residências unifamiliares. Para isso, buscou-se primeiramente as porções de ocupação que apresentam uso predominantemente residencial, a fim de facilitar a escolha do recorte de análise. Assim, utilizou-se de dois meios principais

para a delimitação destas porções: o zoneamento, que especifica as formas de ocupação na cidade e demarca a localização e o limite das zonas de uso residencial e as leituras realizadas durante a oficina Quapá-SEL em Maringá no ano de 2017 (Meneguetti *et al*, 2018), em que foram reconhecidas as unidades de paisagem recorrentes conforme as características de suas edificações, sendo uma delas as ocupações predominantemente residenciais unifamiliares. Somadas estas duas informações, foi possível delimitar as áreas em que as edificações residenciais se concentram.

Para a seleção das áreas de análise, utilizou-se de um terceiro recurso. Tratando-se de uma leitura que busca reconhecer alterações ao longo do tempo, usando materiais encontrados em outras pesquisas (ver: Beloto *et al*, 2017) e imagens aéreas, fez-se um mapeamento da progressão da implantação das edificações no tempo, delineando o crescimento da cidade ao longo de décadas. A partir dele, fez-se uma sobreposição com a mancha de ocupação predominantemente residencial, verificando como essa progrediu no tempo.

Após estes mapeamentos, entendendo que a análise de áreas ocupadas em diferentes períodos contribuiria no processo de delineamento temporal dos tipos edifícios recorrentes, buscou-se na cidade porções que demonstrassem manchas de crescimento progressivas, conformando uma sequência de ocupação ao longo das décadas. Escolheu-se uma porção localizada no setor nordeste da cidade, caracterizada pelo primeiro grande fluxo de crescimento durante a década de 1960, e a partir dela, selecionou-se uma área de análise para cada década de ocupação, somando-se ao todo 8 áreas para a aplicação das leituras (Figura 1).

A primeira e segunda área fazem parte do plano original da cidade, compreendendo uma das primeiras áreas a serem ocupadas entre os anos de 1945 e 1960. As áreas seguintes correspondem a porções ocupadas nas décadas subsequentes, localizadas em expansões posteriores ao plano, sendo as áreas 3, 4, 5, 6, 7 e 8 ocupadas, respectivamente, nas décadas de 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 (Figura 1).

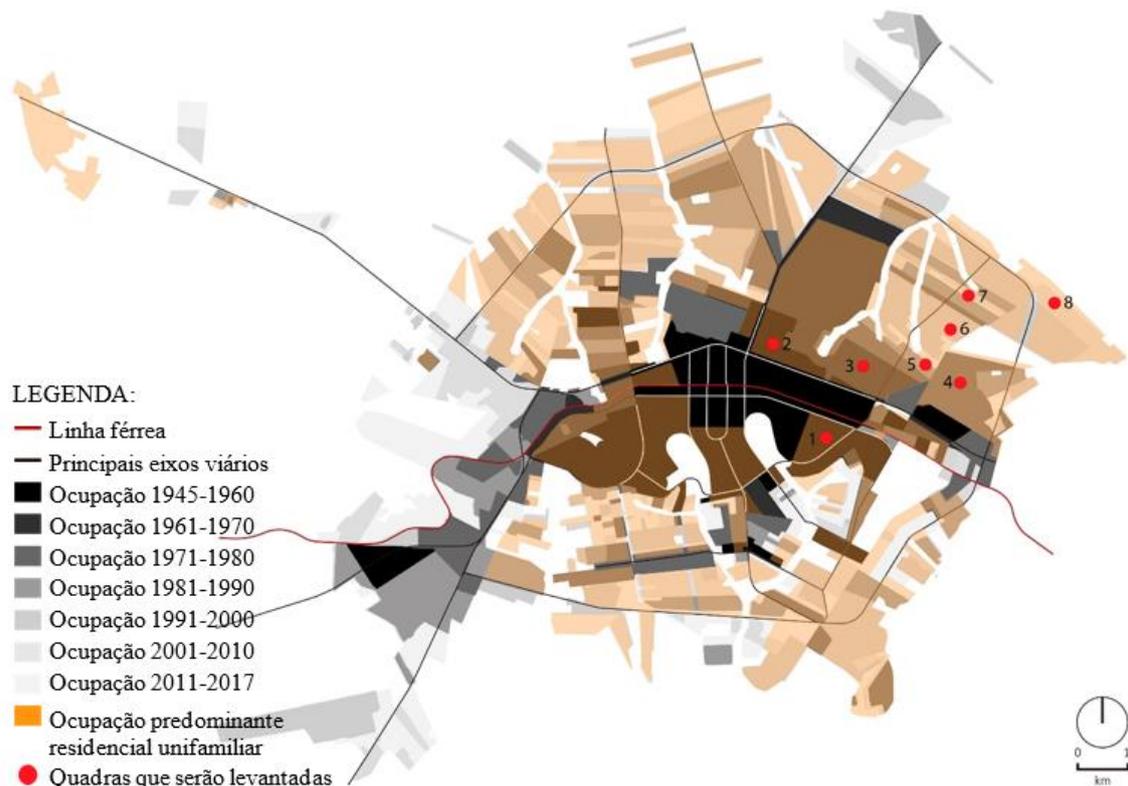


Figura 1. Mapeamento das áreas predominantemente residenciais e sua conformação no tempo para a seleção das áreas a serem analisadas (fonte: elaborada pelas autoras).

Tomando o quarteirão como elemento estruturador das ocupações em cidades novas planejadas, utilizou-se este componente como unidade modular para definir o recorte de análise de cada área, abrangendo uma quadra completa e a faixa de lotes adjacentes a sua lateral de maior extensão. A partir deste recorte foram levantadas as edificações existentes em cada uma das áreas, somando ao todo 480 fachadas, sendo estas, conforme as orientações de Caniggia e Maffei (2001), analisadas de acordo com suas dimensões e complexidade, avaliando características como recuos e volumetria.

Conforme estes critérios, identificou-se as formas edilícias recorrentes na cidade, reconhecendo ao total dezessete modelos, de onde seriam identificados os tipos principais recorrentes na cidade.

Iniciou-se a interpretação dos exemplares, com a definição de sua recorrência no tempo, distinguindo os mais antigos dos mais recentes, reconstruindo sua progressão no tempo conforme os períodos de ocupação.

Feito o delineamento cronológico, buscou-se, por meio da comparação, identificar semelhanças que pudessem indicar a existência de antecedentes formais comuns, avaliando se haveria um processo derivativo

e vínculos tradicionais que aproximasse os modelos edilícios identificados. Avaliadas as semelhanças, correlacionou-se os exemplares em grupos, reunindo aqueles que demonstravam apresentar poucas transformações e que constituíam um mesmo modelo formal, integrando, assim, três grupos: A, B e C (Figura 2).

O grupo A é composto por 9 exemplares formais, sendo caracterizado por 3 fases. A primeira, referente aos modelos A1, A2 e A3, é composta pelas residências em madeira, constituindo um mesmo modelo formal com edificações posicionadas soltas no lote, conformando dois recuos e pequenas variações de volume e composição. Os modelos A4, A5 e A6 seguem formalmente as mesmas características que os primeiros, mas construídos em alvenaria.

Apesar de apresentarem os mesmos aspectos formais, esta distinção foi feita, pois os exemplares A1, A2 e A3 constituem os primeiros modelos recorrentes na cidade, inseridos durante o processo de ocupação inicial na década de 1940, sendo recorrentes até a década de 1970, em maior quantidade nas áreas 1 e 2. Os exemplares A4, A5 e A6, aparecem durante a década de 1960 e seguem também até a década de 1970.

Quanto aos três últimos exemplares A7, A8 e A9, entende-se que estes constituem derivações diretas dos modelos anteriores, havendo uma adaptação de suas volumetrias

a partir da extensão da edificação até uma das divisas, configurando uma cobertura para abrigar a garagem.

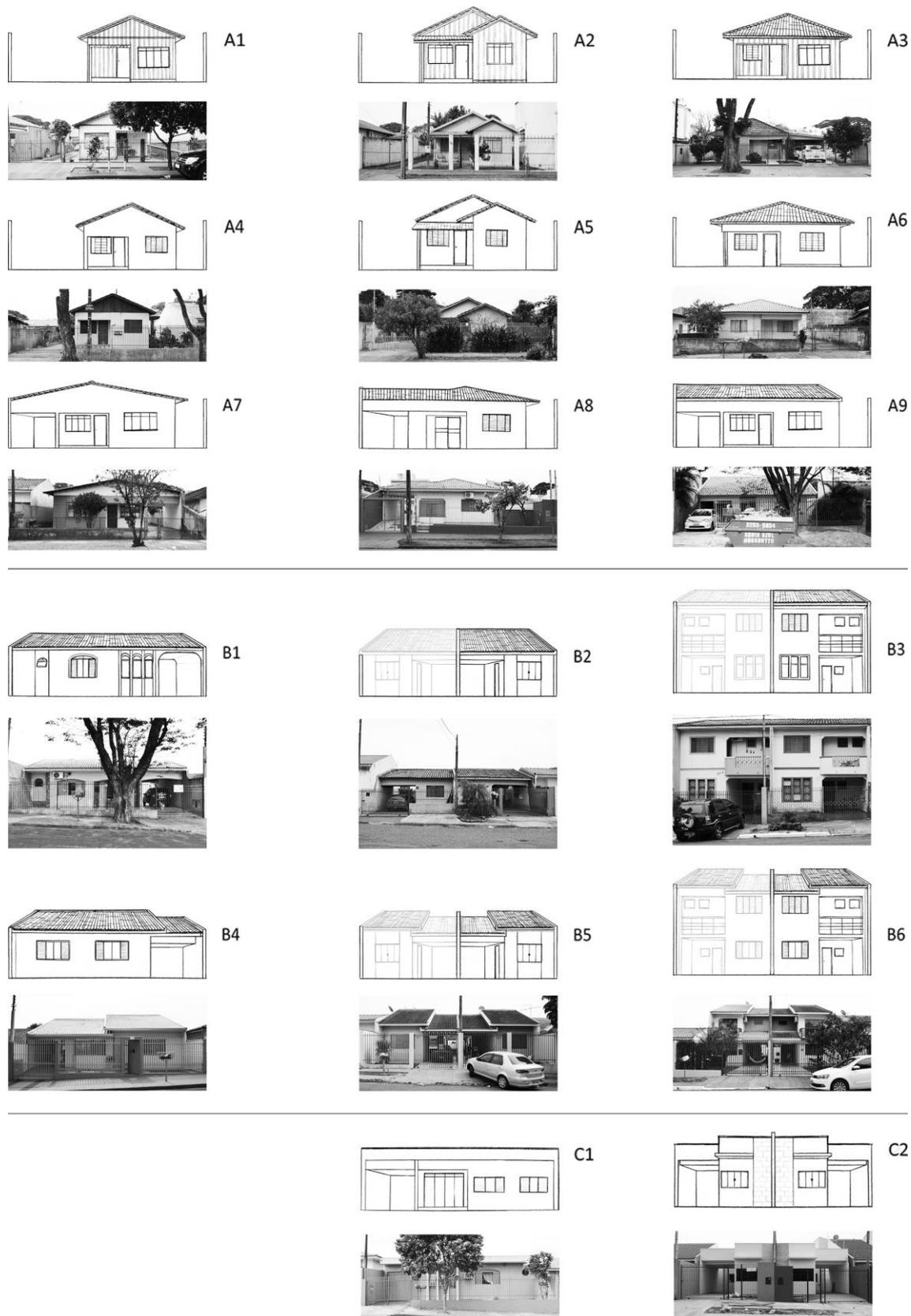


Figura 2. Exemplares edifícios reconhecidos na cidade de Maringá e seu agrupamento conforme semelhanças formais (fonte: elaborada pelas autoras).

Em sequência, o grupo B é composto por 6 exemplares. O B1 constitui uma derivação direta do A9, conformando uma extensão da edificação até a outra divisa do lote, sem recuos, popular durante a década de 1970. Os modelos B2 e B3 configuram derivações diretas deste primeiro, apresentando uma adaptação de sua forma para o modelo geminado, havendo a divisão do lote padrão em dois terrenos e conformando duas habitações. Estes casos começam a aparecer com maior frequência a partir da área 6, ocupada durante a década 1990, demonstrando ser o período de início de sua popularização. No caso do B3, sua diferença do B2 é a adição de um segundo pavimento. Para os casos B4, B5 e B6, houve uma alteração na volumetria do telhado, ocorrendo da mesma maneira nos três exemplares. Sua recorrência desponta a partir dos anos 2000. Referente aos modelos geminados, estes se mantêm populares até a década atual.

Por fim, o grupo C é conformado por dois exemplares. O C1 configura uma derivação diatópica do modelo B1, com apenas uma alteração na volumetria do telhado, passando

a utilizar a platibanda. Sua frequência na área 4 demonstra sua popularização na década de 1970, porém foi abandonado nas ocupações seguintes. Quanto ao C2, este apresenta a mesma adaptação da cobertura em platibanda para o caso dos modelos geminados. Sua recorrência é mais recente, aparecendo com maior frequência nas ocupações da última década.

Feitas estas relações, reconhecendo os períodos de recorrência de cada um dos modelos e seus possíveis vínculos formais, construiu-se um diagrama com a finalidade de visualizar de maneira mais clara as semelhanças e possíveis derivações existentes entre os exemplares encontrados, delineando um processo tipo-morfológico (Figura 3).

Notou-se que, dentre os modelos encontrados, alguns apresentavam diferenças mínimas, não demonstrando grandes alterações, aparentando configurar um mesmo modelo edílico. Assim, entendeu-se que poderia ser feita uma simplificação, reduzindo-os e evidenciando os modelos que melhor representavam os tipos recorrentes em Maringá.

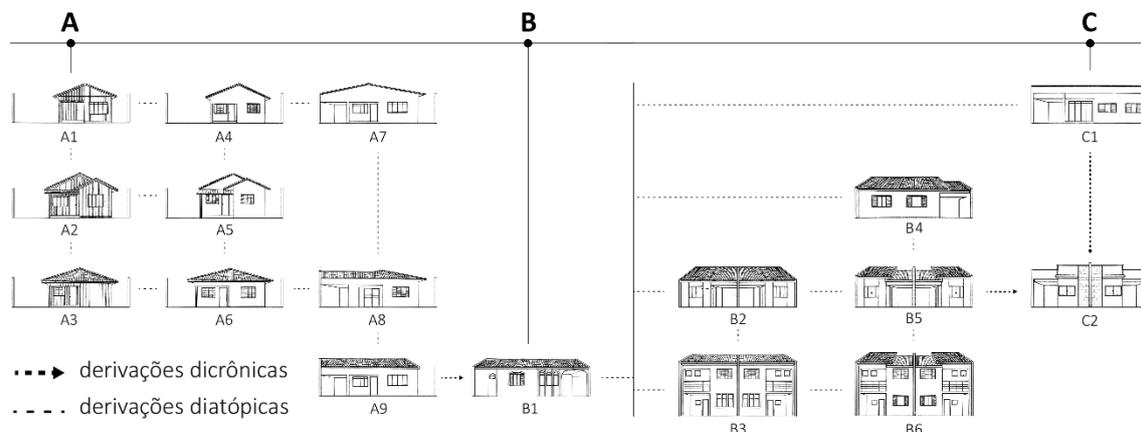


Figura 3. Diagrama de reconstrução do processo tipo-morfológico na cidade de Maringá (fonte: elaborada pelas autoras).

Elegeram-se primeiramente o tipo original, referente ao tipo adotado durante as ocupações iniciais, caracterizando a primeira fase tipológica das ocupações, referente à edificação posicionada de maneira isolada no lote, representada pelos exemplares A1, A2, A3, A4, A5 e A6. Este tipo é o ponto de partida para as derivações e conformação dos tipos seguintes.

A partir dele, considerou-se duas alterações principais. A primeira é caracterizada pela extensão da edificação até uma das divisas do

lote, conformando um anexo de cobertura para a garagem, representada pelos modelos A7, A8 e A9. Por constituir uma derivação direta do Tipo Original, não alterando significativamente sua essência formal, entende-se que se trata de um mesmo tipo, sendo denominado de Variação 1A. A segunda alteração é representada pelo exemplar B1, com uma extensão total da edificação até a segunda divisa do lote. Neste caso, em análise ao diagrama, percebe-se que o modelo em questão apresenta uma posição

relevante no processo tipo-morfológico, pois antecede significativas derivações e dá início a uma segunda fase formal na cidade, constituindo um Tipo Básico.

A partir deste Tipo Básico, considerou-se duas adaptações principais: o modelo geminado, representado pelo exemplar B2 e o geminado sobrado, representado pelo exemplar B3. Estes casos, assim como a Variação 1A, não alteram significativamente a forma de seu tipo de origem, apresentando apenas alterações quanto às suas dimensões e gabarito, estabelecendo um mesmo tipo. Assim, estes são denominados de Variação 2A e Variação 2B.

Por fim, considerou-se um último caso, Variação 3, representada pelo exemplar C2, referente ao modelo geminado com cobertura em platibanda. Por ser mais recente, ainda não se sabe se este demarca o início de uma nova fase formal em processo de consolidação ou se logo será abandonado.

Por não haver sua efetiva assimilação pela população, foi considerado uma variação.

Ao final das simplificações, dos 17 exemplares encontrados foram selecionados 6. Dentre eles, entende-se que existem dois tipos principais, Tipo Original e o Tipo Básico e seus respectivos desdobramentos. Por não apresentarem significativas alterações, considera-se que a Variação 1A apresenta a mesma essência formal que o Tipo Original, e as Variações 2A e 2B a mesma essência formal que o Tipo Básico. Desta forma, propôs-se o agrupamento destes tipos conforme suas características comuns, constituindo dois grupos formais: grupo 1, que integra o Tipo Original e Variação 1A, e o grupo 2, conformado pelo Tipo Básico, Variação 2A e Variação 2B. E um terceiro grupo foi criado para integrar a Variação 3, que ainda se apresenta como uma forma incerta (Figura 4).

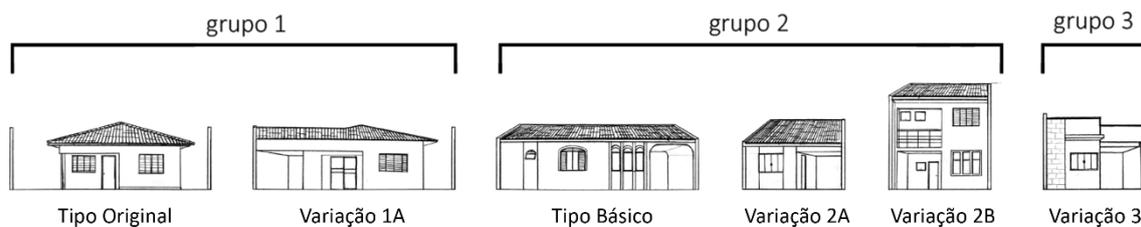


Figura 4. Processo tipo-morfológico em Maringá (fonte: elaborada pelas autoras)

Após a seleção dos tipos, deu-se sequência às análises, conforme o método de Caniggia e Maffei (2001) com a análise das edificações postas lado a lado ao longo de uma via - as séries - a fim de verificar a existência de um sistema harmonioso entre as edificações e confirmar se os vínculos formativos delineados anteriormente realmente existem. Como dito anteriormente os quarteirões constituem o elemento estruturador das ocupações em cidades novas planejadas, assim, segue-se as análises a partir deles ao invés de aplicar as leituras somente ao longo das rotas individuais.

Para esta aplicação, fez-se um mapeamento dos tipos edilícios ao longo das áreas de análise, diferenciando por cores cada grupo morfológico e seus respectivos tipos integrantes (Figura 5). Viu-se nestas leituras uma oportunidade de também mapear as moradias em madeira ainda remanescentes na mancha urbana, representantes das primeiras edificações implantadas na cidade. Para isso,

diferenciou-se o tipo original em duas modalidades: madeira e alvenaria.

Além dos tipos recorrentes, considerou-se nos mapeamentos os tipos especiais e especializadas, referente às edificações diferenciadas, divergentes dos tipos populares, geralmente elaboradas por um arquiteto ou profissional, ou então edificações com outros usos. Foram também demarcados os lotes vazios e murados.

Em análise ao mapeamento das áreas postas lado a lado, conforme a diferença de cores, foi possível observar de maneira clara como o modo de edificar se alterou ao longo dos anos, evidenciando a conformação de duas fases tipológicas desde as ocupações iniciais até os dias atuais (Figura 5).

Nota-se que da área 1 a área 3 existe uma dominância evidente do grupo 1, demonstrando a popularidade destes modelos principalmente durante as décadas de 1940 até 1960. Na área 1, porção consolidada

durante a primeira década de ocupação, por sua divergência de tipos, evidencia ser uma área em processo de renovação. Porém, assim como na área 2, é possível encontrar uma série de edificações que representam a forma original da cidade, referente às moradias em madeira. Estas três áreas são caracterizadas

por apresentarem dimensões mais generosas em comparação às outras, com lotes que variam entre 13 e 15m de fachada e área de 600 a 560m². A maior parte de suas edificações configuram edificações soltas no lote ou conformando pelo menos um recuo.

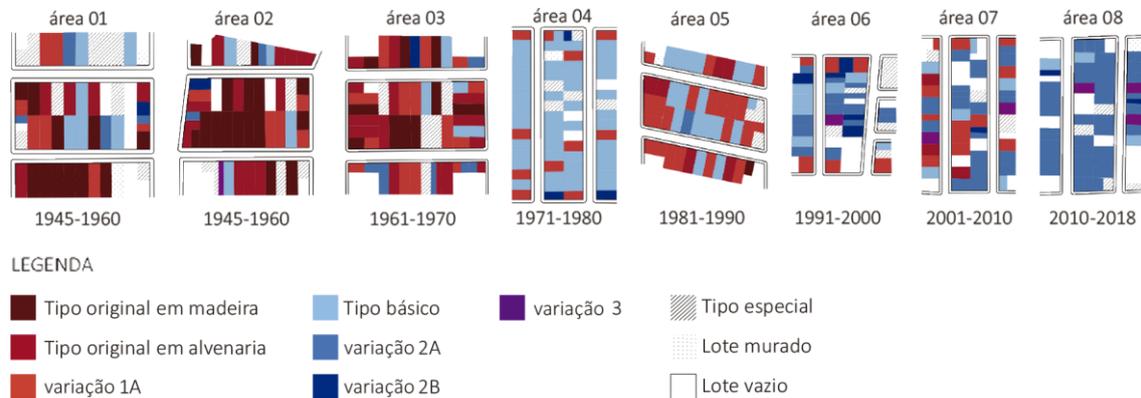


Figura 5. Mapeamento dos tipos edilícios recorrentes em Maringá nas áreas de análise (fonte: elaborada pelas autoras).

Na área 4 ocorre uma redução do tamanho do lote, passando a ter 12m de fachada e área de 300m². A partir dela percebe-se um grande número de edificações do tipo básico, demonstrando o período de consolidação e popularização deste modelo na década de 1970. Porém, conforme a área 5, nota-se que existe uma quantidade equilibrada entre os tipos do grupo 1 e do grupo 2, o que pode indicar que apesar de ter se popularizado na década de 1970, o tipo básico ainda não havia sido totalmente assimilado pela população. Assim, pode-se dizer que a década de 1980 foi um período de transição morfológica da fase 1 para a fase 2, dando início ao período de dominância dos tipos do grupo 2 e declínio do uso do grupo 1.

A partir da área 6 percebe-se de maneira mais clara a presença dos modelos geminados, indicando o início de sua popularização a partir da década de 1990. Como as áreas 7 e 8, nota-se que este processo se intensifica, demonstrando que a Variação 2A já tinha se tornado a principal referência construtiva na década de 2000 e que segue assim até a década atual. Quanto à variação 3, nota-se pela área 7 e 8 que este tem despontado aos poucos, porém a possibilidade de dar início a uma nova fase tipológica só poderá ser confirmada futuramente.

Após as leituras das séries e tipos ao longo das quadras, foi possível verificar a existência de duas fases formais claramente

demarcadas, referente ao período de dominância do grupo 1 e do grupo 2. A partir deles, validou-se a estrutura do processo tipo-morfológico delineado anteriormente, confirmando que o modo de habitar se iniciou com a edificação solta no lote, estendendo-se até uma das divisas, conformando a cobertura da garagem, em sequência até a segunda divisa e, por fim, a conformação dos geminados térreo e sobrado.

Com a identificação destes tipos e seu mapeamento, foi possível identificar o modelo que melhor representa a cultura edilícia local, sendo representado pelo Tipo Básico. Este, além de ser um dos tipos edilícios mais frequentes, também é caracterizado por dar início a segunda fase formal. Mesmo que sua derivação seguinte, conformando o geminado térreo, tenha se tornado o principal modelo construtivo a partir da década de 2000, seguindo até a atualidade, é uma derivação que não apresenta grandes alterações de seus aspectos formais, mantendo o tipo básico como síntese da cultura edilícia maringaense.

Conclusões

A análise tipo-morfológica italiana aplicada ao caso de Maringá permitiu um entendimento aprofundado sobre o processo de configuração formal da cidade, clarificando aspectos quanto às suas

estruturas edilícias e como se configuraram em um traçado urbano previamente imposto.

Foi possível reconhecer na cidade as transformações evidenciadas em seu modo de edificar ao longo do tempo, desde a instituição de um conceito de moradia, identificando aquele que melhor representa a cultura local, até a conformação de novos tipos e a existência de processos derivativos entre eles.

Apesar de sua breve idade e ainda que apresente transformações significativas no modo de ocupar a cidade durante as sete décadas de sua existência, pode-se dizer que existe um vínculo cultural expressivo entre os tipos recorrentes em Maringá, sendo possível verificar um processo tipo-morfológico bem delineado e evidenciar que os tipos recorrentes compartilham de um mesmo modelo de origem, apresentando vínculos formativos que se mantêm desde as ocupações no plano original até as mais recentes e demonstrando um processo de transmissão cultural efetivo entre suas fases de ocupação.

A aplicação do método no estudo de caso permitiu observar que é possível encontrar um processo tipo-morfológico definido em cidades novas planejadas, evidenciando a existência de vínculos formativos mesmo em casos em que as edificações são inseridas diretamente em um traçado urbano previamente imposto, o que revela sua capacidade de transmissão cultural. Estas constatações evidenciam a expressão de uma consciência espontânea, demonstrando a assimilação de modelos edilícios pela população, sendo estes reproduzidos na construção do espaço e inseridos na sua dinâmica de transformação.

Ainda que com apenas a aplicação da primeira etapa do método italiano, notou-se que este foi bastante benéfico na compreensão da forma urbana de uma cidade nova planejada e seu desenvolvimento ao longo dos anos, mostrando-se eficiente na interpretação de suas estruturas edilícias e no reconhecimento de seus vínculos formativos. Entende-se que este estudo possa abrir novas portas para que o método seja utilizado em outros casos, ampliando sua abrangência e não se limitando apenas a cidades históricas ou espontâneas, sendo também relevante na compreensão da forma urbana de cidades novas planejadas.

De acordo com Moudon (1997), a vertente que sustenta a Escola Italiana de Morfologia Urbana se enquadra em uma postura idealista, tendo por premissa a prescrição de uma teoria arquitetônica que, a partir da identificação de elementos tradicionais expressos nas edificações, oriente como as cidades devem ser construídas. Ao contrário das análises de Saverio Muratori, o interesse da aplicação de análises tipo-morfológicas em cidades novas planejadas não esteve em encontrar modelos tradicionais que pudessem subsidiar uma teoria de ensino arquitetônico, mas sim em validar a aplicação de um método que possa contribuir para a melhor compreensão da formação destas cidades e dos aspectos culturais existentes em sua forma urbana.

Acredita-se que, com a comprovação de sua aplicabilidade, este método se torne uma ferramenta de extrema utilidade para os planejadores, pesquisadores e estudantes da forma urbana de cidades novas planejadas, possibilitando uma maior compreensão de suas características formativas e podendo subsidiar futuros planos e legislações que levem em consideração os vínculos tradicionais enraizados na mente da população e que são expressos na forma urbana, contribuindo para a garantia da proteção de aspectos culturais e manutenção do sentimento de pertencimento pela população.

Para Maringá, a aplicação da análise tipo-morfológica trouxe um novo olhar para o processo formativo de suas formas urbanas, possibilitando entendimentos e informações sobre sua ocupação que ainda não haviam sido aprofundados. Entende-se que as informações obtidas irão contribuir com o trabalho de outros estudantes e pesquisadores dedicados a estudar a cidade, como também servir de apoio para planejadores, subsidiando a produção de planos e diretrizes ocupacionais que se alinhem a existência das relações culturais e costumes sociais que foram identificados.

Além disso, o método contribuiu na identificação de formas de habitar que já não são mais recorrentes na cidade, como o caso das moradias em madeira que constituem o Tipo Original de Maringá. O método pode contribuir no mapeamento e quantificação destas edificações no espaço urbano para fins de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade.

Notas

¹ Este artigo foi submetido originalmente até o prazo de 20 de julho de 2019 ao PNUM 2019 Maringá. A seleção dos artigos foi feita pelos

editores desta seção temática entre 24 de agosto e 29 de outubro de 2019. As versões revisadas foram enviadas até o dia 10 de dezembro de 2019.

Referências

Amorin, F. P. e Tangari, V. (2006) Estudo tipológico sobre a forma urbana: conceitos e aplicações. *Paisagem Ambiente: ensaios*, 22, 61-73.

Augusto, M. H. O. (1978) *Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista*. São Paulo, Símbolo. Beloto, G. E., Coimbra, M. H. & Santos, J. L. (2017) A escala territorial e a permanência da mancha urbana compacta. Em: Medonça, E. e Esteves Junior, M. Anais da 6^o Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2017, 24-25 agosto 2017, Vitória Brasil. Vitória, UFES, pp. 732-739. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1VYPY1BXxBa8cRnrZ9eTWd3AEAMHL8TzZ/view>. [Consultado em: 1 de dezembro de 2019].

Caniggia, G. & Maffei, G. L. (2001) *Interpreting Basic Building: Architectural Composition and Building Typology*. Firenze, Alinea.

Castriota, L. B. (2009) *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo, Annablume.

Cataldi, G. (2003) From Muratori to Caniggia: the origins and development of the Italian School of design typology. *Urban Morphology*, 7, 19-34. Disponível em: http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2003/200371_19-34.pdf [Consultado em: 1 de dezembro de 2019].

Gauthier, P. (2005) Conceptualizing the social construction of urban and architectural forms through the typological process. *Urban Morphology*, 9, 83-93.

Marzot, N. (2002) The study of urban form in Italy, *Urban Morphology*, 6, 59-75. Disponível em: <http://www.urbanform.org/pdf/marzot2002.pdf> [Consultado em: 1 de dezembro de 2019].

Meneguetti, K. S. (2009) *Cidade jardim, cidade sustentável. A estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá*. Maringá, Eduem.

Meneguetti, K. S., Rego, R. L., Beloto, G. E., Gonçalves, I. B., Braga, S. S. e Coimbra, M. H. (2018) Transformações na forma urbana de Maringá-PR O sistema de espaços livres e as reconfigurações urbanas recentes. Em: Macedo, S. S., Queiroga, E. F., Campos, A. C. de A. E Custódio, V. (2018) *Quadro geral da forma e do sistema de espaços livres das cidades brasileira*. São Paulo, 2, 153-168.

Moudon, A. M. V. (1997) Urban Morphology as an Emerging Interdisciplinary Field. *Urban Morphology*, 1, 3-10. Disponível em: <http://www.urbanform.org/pdf/moudon1997.pdf> [Consultado em: 1 de dezembro de 2019].

Muratori, S. (1963) *Studi per una operante storia urbanade Venezia*. Roma, Instituto Poligraphico dello Stato.

Muratori, S., Bolatti, R., Bolatti, S. & Marinucci, G. (1963) *Studi per una operante storia urbana di Roma*. Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche.

Pereira Costa, S. de A & Gimmler Netto, M. M. (2015) *Fundamentos de Morfologia Urbana*. Belo Horizonte, Conarte.

Rego, R. L. (2006) Curvas, descompassos, aproximações e distanciamentos. Em: Macedo, O. L. C., Cordovil, F. C. S. e Rego, R. L. (2006) *Pensar Maringá: 60 anos de plano*, Maringá, Massoni.

Rego, R. L. (2009) *As cidades plantadas: os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná*. Londrina, Kan.

Rego, R. L. & Meneguetti, K. S. (2011) A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. *Acta Scientiarum. Technology*, 33, 123-127.

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Typo-morphological analysis applied to a planned new city: adapted concept and method

Abstract. *The Italian School of Urban Morphology deals with concepts and methods developed initially from studies performed in historical cities, characterized by organic and spontaneous occupations. This research questions if the Typo-Morphological analysis, an interpretative approach dedicated to understanding the urban form through transformative processes evidenced in architecture, could be efficient in reading and understanding the urban form of planned new cities, established from a plan that precedes their occupation. In order to answer it, a case study was applied in Maringá-PR, Brazil, a planned new city designed in the 1940s. Using the Italian method, it was possible to delineate in detail the processes of transformation and permanence, evidenced throughout its occupation. The results showed that the Italian method was beneficial for the understanding of its urban form. This research demonstrates that the Typo-Morphological analysis is efficient even in cases where buildings were implanted in a previously established urban layout, expanding the range of coverage of the Italian method and contributing to a better understanding of the development and morphological characteristics of planned new cities.*

Keywords. *Muratori, Caniggia, urban morphology, tradition, Maringá.*

Editores responsáveis pela submissão: Renato Leão Rego e Gislaine Elizete Beloto.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

